

## AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DA NOÇÃO DE CAMPO SOCIAL E O ESTUDO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

THE POSSIBILITIES OF ANALYSIS OF THE SOCIAL FIELD NOTION AND THE STUDY OF THE FIELD OF COMMUNICATION

- **Renato Ribeiro Daltro** (Universidade do Estado da Bahia – UNEB – [rdaltro@uneb.br](mailto:rdaltro@uneb.br))

### Resumo:

*O texto analisa a noção de campo social desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), em particular o campo da comunicação, suas especificidades econômicas, sociais e políticas, esboçando possibilidades de análise a partir, especialmente, de seu livro Sobre a televisão (1997), com a finalidade de estudar os mecanismos ocultos de dominação vigentes aos meios de comunicação. O trabalho estuda a relação do campo da comunicação com o campo do poder como realidade social que se manifesta nas lutas por transformações nas estruturas sociais e no acesso a cultura e a democracia.*

*Palavras-chave: Campo social. Campo da comunicação. Campo do poder. Transformações sociais. Pierre Bourdieu.*

### Abstract:

*The text analyzes the notion of social field developed by the French sociologist Pierre Bourdieu (1930-2002), in particular the field of communication, its economic, social and political specificities, outlining possibilities for analysis, especially from his book About the television (1997), with the purpose of studying the hidden mechanisms of domination prevailing in the media. The paper studies the relationship between the field of communication and the field of power as a social reality manifested in struggles for transformations in social structures and access to culture and democracy.*

*Key-words: Social field. Field of communication. Field of power. Social transformations. Pierre Bourdieu.*

O Estudo apresentado faz parte do projeto de pesquisa no pós-doutorado – Novas práticas escolares dos professores de Barreiras: a influência digital – realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP, Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação – EDM, em 2017, sob a supervisão do Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani, um dos maiores colaboradores, no Brasil, na obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002).

Com mais de vinte anos trabalhando a pesquisa sobre as origens camponesas no Brasil (a trajetória social de trabalhadores rurais, o capital social acumulado), veio-me a

necessidade de mudar o objeto de estudo, desta vez com enfoque no campo da comunicação, para atender a proposta do Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC, no DEDC, Campus I da UNEB, Salvador, onde atuei como professor do quadro permanente por cinco anos, entre os anos de 2010 a 2015, atuando na análise dos processos tecnológicos e gestão educacional.

O terreno que envolve os estudos com relação à escola, os meios de comunicação de massa e as tecnologias da informação e da comunicação tem apresentado diferentes tendências no cenário nacional. Enquanto alguns teóricos profetizam o fim de livros e revistas impressos, outros veem a revolução digital como um grande perigo à individualidade do sujeito moderno e à capacidade de raciocínios complexos. Na opinião pública, paira a sensação de que a internet veio para democratizar de uma vez por todas o acesso aos bens simbólicos (Muniz Jr & Pires Ferreira, 2005, p. 1).

Nesse cenário, a tendência dominante envolve um discurso econômico desenvolvimentista que condicionou, nos últimos vinte anos, o surgimento das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), no contexto daquilo que se tem denominado de Sociedade do Conhecimento ou da Informação (UNESCO, 2014).

Minha experiência em pesquisa nessa área, relacionando a mídia e a escola, aproxima-se do grupo de pesquisa cuja tendência é a contestação aos meios de comunicação, levando em conta, em maior ou menor grau, as questões de dominação do campo econômico. O sujeito do processo de comunicação mediática, na visão de Pierre Bourdieu e seus colaboradores, deixa de ser o indivíduo e passa a ser a estrutura que rege a comunicação: o Estado, os grandes grupos econômicos, os organismos produtores.

Isso se refere ao campo da comunicação, como explica Miranda (2005), sobre os meios de comunicação de massa, que, em si mesmo, só oferece um conteúdo tecnológico. Na sua visão, o interesse social que faz dos meios de comunicação de massa objeto de estudos decorre do seu uso, determinado pelas condições sociais, políticas e econômicas das formações sociais em que se inserem.

Dentro de todos esses debates, pretendo estudar o campo da comunicação no Programa de Formação Continuada para Uso das Tecnologias Educacionais através da articulação dos projetos estruturantes da SEC do Estado da Bahia PAIP, PACTO, GESTAR, EM-AÇÃO, Ciência na Escola do extinto NTE de Barreiras (Núcleo de Tecnologias Educacionais – NTE – 08, de Barreiras, 2013), com o objetivo de denunciar as mitologias intelectuais do campo acadêmico sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC, do ponto de vista da sua eficácia na formação digital dos professores do Ensino Médio da Rede Pública Estadual. Pretendo realizar o estudo levando em consideração as divergências de *habitus* e posições conflitantes no interior do campo das TIC, sobretudo da posição dominante dos agentes que falam da necessidade do aparelhamento tecnológico das escolas como condição essencial para formação dos professores, não levando em conta a autonomia do campo em questão e a sua relação com outros campos.

Almejo, portanto, analisar as possibilidades de novas práticas escolares dos professores, através dos programas de formação continuada no uso das tecnologias educacionais em relação às mudanças de atitudes, sentimentos e necessidades predispostos em *habitus* e posições, assimilados pelos professores do Núcleo de Tecnologia Educacional - NTE de Barreiras e demais professores da rede estadual de ensino, contextualizado nas

diferenças de classes e distinções sociais, enquanto produtos das desigualdades que se legitimam no capital cultural, estrategicamente reproduzido nas escolas.

Este foi o propósito inicial da pesquisa a ser desenvolvida, entretanto, depois de me reunir com o supervisor para a elaboração de um plano de trabalho sobre a temática em questão, discutimos uma melhor adequação do projeto, com um novo olhar para a bibliografia utilizada, como também uma mudança do título para “As Possibilidades de Análise do Campo Social e o Estudo do Campo da Comunicação”, que se julgou mais pertinente para este estudo, por considerar que a proposta inicial estaria num campo abrangente, enfocando aspectos que fugiam do referencial teórico e metodológico escolhidos, Pierre Bourdieu, necessitando também de levantamento de dados empíricos através do trabalho de campo, tendo como instrumentos essenciais a elaboração e a aplicação de questionários e entrevistas.

Com a mudança do tema, parte da redefinição do projeto compreendeu um ensaio teórico sobre o pensamento de Bourdieu através da análise do campo social, para, em seguida, pensar o campo da comunicação em suas especificidades, tendo, como finalidade, estudar os mecanismos ocultos de dominação existentes nesse meio.

Minha experiência com as obras de Bourdieu foi paradoxalmente traumatizante e empolgante, diante da possibilidade de penetrar os diversos campos simbólicos integrantes da estrutura social e poder analisar, em complexidade, as relações de poder entre um campo social e os demais campos.

Em 1987, depois de concluir o curso de graduação em Ciências Sociais, na Universidade Federal da Bahia - UFBA, que tive o meu primeiro contato com os textos do autor, com na obra A Economia das Trocas Simbólicas, organizada por Sergio Miceli e publicada originalmente em 1974, considerada uma das coletâneas de textos do sociólogo francês que apresentava mais difícil leitura. Na época, eu acumulava dados empíricos sobre o campo religioso, frutos de uma experiência realizada em 1987, mas que apenas recentemente, por ocasião da publicação do meu livro, em 2016, tive a oportunidade de analisar (Daltro, 2016, Prefácio).

Na visão de Catani (2002), a sociologia das trocas simbólicas de Bourdieu tornou-se indispensável aos nossos regimes de leituras, principalmente numa época (início dos anos setenta) em que sua obra era de controversa interpretação, e a tradução para a língua portuguesa, quase inexistente:

Em 1972, comecei a trabalhar com Sergio Miceli, acentuando-se a possibilidade de entender minha própria situação, através das leituras iniciais de Bourdieu. Foi um choque, pois os textos eram, para um jovem provinciano chegado há não muito em São Paulo, difíceis. O primeiro texto de Bourdieu lido foi a versão castelhana de Les héritiers: les étudiants et la culture (1964), editado com o título Los estudiantes y la cultura (Barcelona: Editorial Labor, 2ªed., 1969, ... (Catani, 2002, p. 61).

Não pretendo aqui, de forma alguma, construir um roteiro de minha apropriação das obras de Bourdieu, mas apenas relatar as dificuldades que experimentei em transpor as leituras dos textos do autor, principalmente com a obra considerada a de mais difícil leitura, “A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino”, escrita em parceria com Passeron, publicada no Brasil em 1975.

Como diz Catani:

A reprodução: Elementos para uma teoria do ensino não me fascinou na ocasião. Talvez o livro I (Fundamentos de uma teoria da violência simbólica) seja um dos escritos mais cacetes que já li, apesar de sua relevância. Tive contato com o texto em 1972. Nesta parte da obra, articulam-se conceitos-chave explorados com maestria: violência simbólica, *habitus*, prática, ação pedagógica, autoridade pedagógica, arbitrário cultural, trabalho pedagógico, modos (de aquisição, imposição, inculcação), reprodução (cultural e social)... (Catani, 2002, p. 68).

Assim colocado, inicio esse estudo a partir do texto de Bourdieu, “Campo intelectual e projeto criador”, com a citação sobre o escritor francês Marcel Proust: “As teorias e as escolas se devoram reciprocamente, como os micróbios e os glóbulos, e asseguram por sua luta a continuidade da vida” (Marcel Proust, citado por Bourdieu, 1968, p. 105).

Nesse artigo, o autor analisa o campo cultural como um espaço de luta simbólica entre os escritores de literatura surgidos no ocidente no fim do século XVIII, em oposição àqueles pensadores ligados à aristocracia e à Igreja desde o período da Idade Média. O trabalho traz implícitos os fundamentos da autonomia relativa do campo intelectual, artístico e cultural contra as forças do campo econômico, do campo político e do campo religioso:

Dominada por uma instância de legitimidade interior durante toda a Idade Média, uma parte da Renascença e, na França, com a vida da corte, durante todo o período clássico, a vida intelectual se organizou, progressivamente, em um campo intelectual na medida em que os artistas se libertavam, econômica e socialmente, da tutela da aristocracia e da Igreja, de seus valores éticos e estéticos, e, também, na medida em que apareciam instâncias específicas de seleção e de consagração propriamente intelectual e colocadas em situação de concorrência pela legitimidade cultural (Bourdieu, 1968, p. 106).

Essa visão de luta, disputa e poder de dominação da cultura me chamou a atenção no estudo da obra do sociólogo francês. A ideia de luta, disputa, diferenciação ou distinção entre as classes e as frações de classe está implícita na teoria de espaço social do autor (1994, p. 29)., que trata, fundamentalmente, da teoria de campo social e das situações e posições relacionais no interior de cada campo.

O conceito de espaço simbólico ou espaço social fala das relações estabelecidas como regularidades a serem aceitas ou legitimadas no interior de um determinado campo ou de demais campos:

É preciso construir o espaço social como estrutura de posições diferenciadas, definidas, em cada caso, pelo lugar que ocupam na distribuição de um tipo específico de capital. Nessa lógica, as classes sociais são apenas classes lógicas, determinadas, em teoria e, se pode dizer assim, no papel, pela delimitação de um conjunto – relativamente – homogêneo de agentes que ocupam posição idêntica no espaço social; elas não podem se tornar classes mobilizadas e atuantes, no sentido da tradição marxista, a não ser por meio de um trabalho propriamente político de construção, de fabricação – no sentido que E. P. Thompson fala em *The making of the English working class* – cujo êxito pode ser favorecido, mas não determinado, pela pertinência à mesma classe sócio-lógica (Bourdieu, 1994, p. 29).

Outro texto de Bourdieu que aprofundou minha inquietação pela pesquisa etnográfica encontra-se nas disputas e diferentes tomadas de posição teóricas nas ciências sociais, com a leitura de “Gênese e estrutura do campo religioso”: “Cada linguagem desenha um círculo mágico em torno do povo a que pertence, um círculo de que não se pode sair sem saltar para dentro de outro” (Bourdieu, 2005, p. 29).

Como Bourdieu rejeitou tanto a teoria da objetividade (o sujeito inato) quanto a teoria da subjetividade (o sujeito livre), ele construiu a teoria da ação praxiológica com base na ação prática do indivíduo mediado pelo *habitus*, ou seja, o conhecimento prático incorporado ao longo da vida, da experiência, da visão de mundo etc.

O capital cultural adquirido e acumulado é os fatores de distinção e diferenciação entre os indivíduos e as estratégias são as ações práticas do cotidiano que se opõem às regras sociais, as quais são determinantes da realidade social.

No livro “A Teoria dos Campos: Movimento social, reforma agrária e escolaridade” (Daltro, 2016), há um artigo intitulado, “O poder simbólico do campo religioso em Pilão Arcado-Ba”, que retrata a disputa por “bens de salvação” entre os agentes da pastoral da Diocese de Juazeiro da Bahia:

De um lado, os gestores da produção, difusão e consumo de bens de salvação legitimados por um grupo de especialistas religiosos, padres e leigos da Paróquia de Pilão Arcado e Diocese de Juazeiro. De outro lado, os ex- agentes da pastoral da diocese, diretores e membros associados do Sindicato que foram deslegitimados do processo de produção de bens simbólicos, oferecidos na organização dos camponeses e trabalhadores rurais da região. (Daltro, 2016, p. 115).

Em “As possibilidades analíticas da noção de campo social” (Catani, 2011), o autor faz uma série de considerações sobre a obra de Bourdieu, procurando detalhar a complexidade teórica do sistema de pensamento do autor, definindo a noção de campo social em conformidade com a realização de um estudo empírico concreto e relacionado, sempre, com outros conceitos, como *habitus* e capital, construindo, a relação entre os diversos campos sociais. Referindo-se, por exemplo, ao campo intelectual, escreve:

Estes trabalhos de Bourdieu sobre os intelectuais integram um amplo domínio, o de uma sociologia da cultura entendida como uma sociologia dos sistemas simbólicos. Valendo-se da tradição sociológica clássica, consegue reunir e integrar as posições simbolizadas pelos nomes de Marx, Weber e Durkheim. Durkheim está presente no que diz respeito à função social (de integração) das formas simbólicas; deve-se a Marx a noção do papel político (de dominação) dessas mesmas formas, enquanto Weber encontra-se representado através dos estudos de sociologia da religião, onde é possível mostrar que a produção e a administração dos bens religiosos (bens de salvação) constituem historicamente o monopólio de um corpo de especialistas (Catani, 2011, p. 194).

Referindo-se ao campo universitário, Catani refere-se à obra *La noblesse d’État*, de Bourdieu, para analisar o jogo de poder interno a esse campo:

Entendo que o campo universitário é um locus de relações que envolvem como protagonistas agentes que possuem a delegação para gerir e produzir práticas universitárias, isto é, uma modalidade de produção consagrada e legitimada. É um espaço social institucionalizado, delimitado, com objetivos e finalidades específicas, onde se instala uma verdadeira luta para



classificar o que pertence ou não a esse mundo e onde são produzidos distintos “enjeux” de poder. As diferentes naturezas de capital e as disposições acadêmicas geradas e atuantes no campo materializam-se nas tomadas de posição, é dizer, no sistema estruturado das práticas e das expressões dos agentes (Catani, 2011, p. 198).

Ainda sobre o campo universitário, Catani menciona que a teoria dos campos sociais contribui para desvendar os mecanismos de dominação vigentes na sociedade francesa. Mas entende-se possível a utilização desse referencial teórico para o estudo de campos sociais em distintos países, através do estabelecimento de relações de homologia, atentas aos limites e às peculiaridades de cada formação social específica.

Isso vem acontecendo nas últimas décadas, com estudos em vários campos da realidade brasileira, exemplificando aqui o campo da comunicação.

Para Miranda (2005, p. 9), essas relações podem se referir ao campo da comunicação de massa. Em sua visão, o interesse social pela comunicação de massa como objeto de estudo é determinado pelas condições sociais, políticas e econômicas das formações sociais em que se inserem.

Portanto, para a pesquisa acadêmica, a comunicação é um campo de estudos que oferece uma série de problemas, frutos de seu próprio desenvolvimento: filosófico, técnico, político, educacional entre outros.

Na impossibilidade de detalhar, neste momento, o que se constitui o campo da comunicação em sua totalidade, gostaria apenas de realizar algumas observações através de Miranda (2005), que descreve três momentos distintos na obra de Bourdieu, para construir o campo da comunicação. No primeiro momento, os textos chave são Sociologies des mythologies et mythologies des sociologues e Un art moyen - essai sur les usages sociaux de la photographie, em que Bourdieu analisa as relações sociais mediadas pela técnica (Miranda, 2005, p. 18). No segundo, é acrescido o livro La distinction (1974), em que os temas relacionados à mídia são acrescidos do capítulo “Le marché de biens symboliques” (1977), em que o autor analisa as práticas distintas da ação praxiológica do campo da indústria cultural. No terceiro momento, o estudo leva em conta o texto L’emprise du journalisme, publicado pela primeira vez em 1994 na revista Actes de la recherche en sciences sociales, em que Bourdieu investiga as disposições próprias dos jornalistas e suas visões de mundo em relação ao campo social. Chama a atenção para a força que o campo jornalístico exerce hoje (Miranda, 2005, p. 19).

Esse terceiro momento é fundamental para a construção do campo da comunicação em Bourdieu. Em “Sobre a televisão” (1997), ele analisa os efeitos negativos da televisão em relação ao campo jornalístico e em relação a outros campos.

Ao citar o campo jornalístico como pertencendo ao campo da comunicação, ele estuda as influências internas e externas a esse campo, destacando o campo econômico e o mercado:

O campo jornalístico impõe sobre os diferentes campos de produção cultural um conjunto de efeitos que estão ligados, em sua forma e sua eficácia, à sua estrutura própria, isto é, à distribuição dos diferentes jornais e jornalistas segundo sua autonomia com relação às forças externas, as do mercado dos leitores e as do mercado dos anunciantes. (Bourdieu, 1997, p. 102)

Mas, assim como o campo político e o campo econômico, e muito mais que o campo científico, artístico ou literário ou mesmo jurídico, o campo

jornalístico está permanentemente sujeito à prova dos vereditos do mercado, através da sanção, direta, da clientela ou, indireta, do índice de audiência (Idem, p. 106).

A constituição do campo jornalístico e suas propriedades são analisadas mais detalhadamente no capítulo “A influência do jornalismo” (Bourdieu 1997, p 99-120), onde o autor define a noção de campo jornalístico como um espaço social estruturado por relação de força de posição dominante e posição dominada, relação constante de distinção e diferenciação, exercida em seu interior, onde ocorrem lutas, disputas e conflitos que podem conservar ou transformar tal campo:

O campo jornalístico constitui-se como tal, no século XIX, em torno da posição entre os jornais que oferecem antes de tudo “notícias”, de preferência “sensacionais” ou, melhor, “sensacionalistas”, e jornais que propunham análises e “comentários”, aplicados em marcar sua distinção com relação aos primeiros afirmando abertamente valores de “objetividade”; ele é o lugar de uma oposição entre duas lógicas e dois princípios de legitimação: o reconhecimento pelos pares, concedido aos que reconhecem mais completamente os “valores” ou os princípios internos, e o reconhecimento pela maioria, materializado no número de receitas, de leitores, de ouvintes ou espectadores, portanto, na cifra de venda (best - sellers) e no lucro em dinheiro, sendo a sanção do plesbítico, nesse caso, inseparavelmente um veredito do mercado (Bourdieu, p. 104)

Nesse capítulo, Bourdieu, critica os efeitos negativos da perda de autonomia do campo jornalístico, analisando a ação do mercado que impõe, pela lógica da concorrência, as regras de homogeneização sobre os produtos dos jornalistas. Analisa a perda de autonomia de outros campos, através do que ele chama de efeitos de intrusão (p. 109), ou seja, da intervenção do jornalismo em outros campos, os campos especializados com menos “capital” específico (científico, literário etc.), que são os mais influenciados:

Esses “intelectuais-jornalistas”, que se servem de seu duplo vínculo para esquivar as exigências específicas dos dois universos e para introduzir em cada um deles poderes mais ou menos bem adquiridos no outro, estão em condição de adotar formas novas de produção cultural, situadas em um meio – termo mal definido entre o esoterismo universitário e o exoterismo jornalístico; de outro lado, impor, em especial através de seus julgamentos críticos, princípios de avaliação das produções culturais que, conferindo a ratificação de uma aparência de autoridade intelectual às sanções do mercado e esforçando a inclinação espontânea de certas categorias de consumidores à “alodoxia”, tendem a reforçar o efeito de índice de audiência ou de best-sellers sobre a recepção dos produtores culturais e também, indiretamente e a prazo, sobre a produção, orientando as escolhas (as dos editores, por exemplo), para produtos menos requintados e mais vendáveis (Bourdieu, 1997, p. 111).

Em linhas gerais, o autor pondera, nesta obra, que o jornalismo (principalmente após a integração da TV no campo jornalístico) vem contribuindo com a perda da autonomia das estruturas de produção intelectual e cultural, como a arte e a ciência, assim como a política e a democracia, a partir das transformações que sofre ao longo do tempo por influência das forças econômicas.

Alguns questionamentos, no entanto, são colocados quando se referem à perda da autonomia desses campos, da despolitização e do empobrecimento intelectual e cultural da população mundial, quando Bourdieu, na obra “Contrafogos” (1998), discute a necessidade de recuperação da estrutura de solidariedade coletiva destruída pelo avanço do neoliberalismo:

Essa nobreza de Estado, que prega a extinção do Estado e o reinado absoluto do mercado e do consumidor, substituto comercial do cidadão, assaltou o Estado: fez do bem público um bem privado, da coisa pública, da República, uma coisa sua. O que está em jogo hoje é a reconquista da democracia contra a tecnocracia: é preciso acabar com a tirania dos “especialistas”, estilo Banco Mundial ou FMI, que impõem sem discussão os veredictos do novo Leviatã, “os mercados financeiros”, e que não querem negociar, mas “explicar”; é preciso romper com a nova fé na inevitabilidade histórica que professam os teóricos do liberalismo, é preciso inventar as novas formas de um trabalho coletivo capaz de levar em conta necessidades, principalmente econômicas (isso pode ser tarefa dos especialistas), mas para combater-las e, se for o caso, neutralizá-las (Bourdieu, 1998, p. 38 - 39).

Estou me referindo à estrutura social de poder político que engloba todos os campos da realidade social, ou seja, a noção do campo de poder, citado por Bourdieu (1989), na “Introdução a uma sociologia reflexiva”, onde o autor analisa as lutas por hierarquia de posições no interior do campo:

(...) empregarei o termo campo de poder (de preferência a classe dominante, conceito realista que designa uma população verdadeiramente real de detentores dessa realidade tangível que se chama poder), entendendo por tal as relações de forças entre as posições sociais que garantem aos seus ocupantes um quantum suficiente de força social – ou de capital – de modo a que estes tenham a possibilidade de entrar nas lutas pelo monopólio do poder, entre as quais possuem uma dimensão capital as que têm por finalidade a definição da forma legítima do poder (penso, por exemplo, nos confrontos entre “artistas” e “burgueses” no século XIX) (Bourdieu, 1989, p. 28 - 29).

Catani (2011, p. 199) retoma essa discussão sobre o campo de poder para analisar o campo universitário como uma realidade social não apenas pela sua estrutura objetiva mas, também, como um espaço de luta e distinção no campo universitário especificamente, ou seja, na relação do campo da educação com o ensino superior:

O espaço universitário é real não apenas pela sua estrutura objetiva, mas também porque esta se vê incorporada nas disposições dos agentes. Como escreve Bourdieu em La noblesse d’État, “(...) os agentes constroem a realidade social, sem dúvida entram em lutas e relações visando impor sua visão, mas eles fazem sempre com pontos de vista, interesses e referenciais determinados pela posição que ocupam no mesmo mundo que pretendem transformar ou conservar”. Tal espaço de lutas representa, ainda, um espaço de poder, em razão de esses agentes serem dotados de diferentes espécies de capital, o que lhes confere a probabilidade de lutar pelo poder (Catani, 2011, p. 199).



Em “Contrafogos” (1998), Bourdieu articula as possibilidades táticas de enfrentar a invasão neoliberal em vários movimentos sociais de intelectuais, artistas, operários, estudantes etc., inclusive envolvendo os meios de comunicação, pelo poder que a mídia dispõe na luta por uma sociedade mais justa e mais cultural:

Pode-se enfrentar esse “martelamento” da mídia criticando as palavras, ajudando os não-profissionais a se municiarem de armas de resistência específicas, para combater os efeitos de autoridade, o domínio da televisão, que desempenha um papel absolutamente capital. Hoje, não é mais possível conduzir lutas sociais sem dispor de programas de luta específica com e contra a televisão. Remeto ao livro de Patrick Champagne, *Faire l’opinion* (Formar a opinião), que deveria ser uma espécie de manual do combatente político (Bourdieu, 1998, p. 77).

Para Bourdieu, assim como para outros autores, em relação ao campo da comunicação, existe um espaço social real transpassado pelo campo do Poder. De acordo com Miranda (2005), existe sim o campo de comunicação como um espaço social real onde ocorrem as lutas por posições no interior desse campo, mesmo considerando a perda da autonomia do jornalismo e da sua integração à televisão, ambos controlados pelo mercado e pelo campo econômico:

Bourdieu compreendeu que imprimira aos agentes uma perspectiva “libertadora”, caso saibam manipular estrategicamente as estruturas que os dominam. Entretanto, a percepção dessas estruturas deveria ser tomada a priori daquilo que o sociólogo presumia serem as estruturas. Consciente disto, ele passou a postular a restauração da imanência das estruturas, através da lógica das práticas, pois é por meio desta que ocorre a estruturação das estruturas. Ao mesmo tempo, o sociólogo assimilou que o discurso científico é apenas mais uma das muitas representações possíveis do mundo social. Sua visão de mundo era expressão de sua própria posição particular no interior da luta histórica (Miranda, 2005, p. 148).

Nesse sentido reafirmo a teoria desenvolvida por Bourdieu e seus colaboradores, particularmente ao que se refere ao estudo do campo da comunicação, objeto dessa pesquisa, procurando contribuir para o avanço dos estudos nessa área, sobre o jornalismo, a televisão, a internet e mais recentemente, as tecnologias aplicadas à educação, particularmente no Brasil e na América Latina, como mostram os estudos de autores e autoras como Miranda (2005), Martino (2003), Barros Filho & Martino (2003), Morduchowicz (2004), Martín-Barbero (1997), García Canclini (1984), entre outros, que analisam a relação de poder e transformação das estruturas estruturadas no interior do campo da comunicação.

Outras fontes de leituras sobre o campo da comunicação se referem aos estudos dos pensadores da Escola de Frankfurt, observando os efeitos negativos da indústria cultural e dos Estudos Culturais (Cultural Studies), analisando a teoria do discurso e os estudos de recepção, como dizem Barros Filho & Martino:

Em que pese à inexistência, dentro do vasto campo dito “estruturalista”, de uma teoria da comunicação, mas apenas a análise de certos fenômenos comunicativos, o campo europeu de estudos pautou-se por dois grandes períodos de evidências: (I) nas décadas de 20 a 40, a chamada “Escola de Frankfurt” lançou as bases de uma “Teoria Crítica” da sociedade, tendo seus principais membros trabalhado até o final dos anos 60; (II) ao mesmo

tempo, na Inglaterra, uma reinterpretação do marxismo clássico, aliada ao estruturalismo e aos estudos literários, resultou nos “Estudos Culturais”, força teórica mais próxima do eixo dominante nos estudos de Comunicação (Barros Filho & Martino, p. 189).

Nessa perspectiva, portanto, pretendo, no futuro, retomar a pesquisa do projeto inicial sobre a mudança de *habitus* dos professores de Barreiras no uso das novas tecnologias aplicadas à educação, acrescentando outras fontes bibliográficas, principalmente as relacionadas ao pensamento dos Estudos Culturais com Bourdieu, como sugerem Barros Filho & Martino:

A formulação de uma teoria da prática e a contextualização da mídia como matrix geradora e produto dessa prática encontram-se desenvolvidas a partir de duas perspectivas sociológicas contemporâneas que, associadas, permitem a compreensão das ações comunicativas em um contorno científico mais preciso. Trata-se, de um lado, da sociologia do cotidiano, do “senso comum”, praticada por Pierre Bourdieu, na França, e dos Estudos Culturais, criados na Universidade de Birmigham, na Inglaterra, de outro (Barros Filho & Martino, p. 213).

Na visão de Barros Filhos & Martino (2003), as noções de *habitus* e o campo são extremamente valiosos para o estudo de práticas profissionais: “cada profissional, obedecendo ao seu ‘gosto pessoal’, concorda, sem saber ou perceber, com muitos outros levados a agir em condições análogas”. A ação dos profissionais de determinado campo incorpora, de modo inconsciente, as regras de ação, a educação formal, os gostos, as relações de produção e concorrência desse espaço social. Em suma, “as representações dos agentes variam segundo sua posição e segundo seu *habitus*” (Bourdieu, 1987, p. 153).

Para Bourdieu (1983), o *habitus*, sistema de disposições duráveis, é apropriado pelos agentes no processo de socialização vivenciado primeiramente no interior da família, que funcionará tal qual estruturas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o passado do agente persiste no momento atual, reestruturado no presente, e tende a subsistir nas ações futuras. Dessa forma, a educação apropriada pelos agentes no interior das relações familiares está no princípio da recepção da mensagem pedagógica proporcionada pela escola e, assim por diante, da reestruturação em reestruturação: “As representações dos agentes variam segundo sua posição e segundo o seu *habitus*” (Bourdieu, 1983, p.130).

Wacquant (s/d, p.3) destaca que o *habitus* é durável, mas não eterno. É uma inércia incorporada e introduz, assim, um defasamento que funciona como capital acumulado do passado. Por outro lado, o conceito também dá conta das situações de crise, pois pressupõe um acúmulo de disposições que é dinâmico e se renova a cada nova experiência. Existe, como se vê, uma dialética entre aquilo que é sedimentado – e que, contribui para a formação do *habitus* – e aquilo que é alterado – e que contribui para transformá-lo.

Por isso citamos Brandão e Altmann (s/d, p. 5), para quem as possibilidades de transformação dos *habitus* dos agentes podem ser pensadas, por um lado, a partir da movimentação dos agentes entre diferentes campos sociais, e, por outro, a partir da movimentação e das lutas travadas dentro do próprio campo. Outrossim, a transformação do *habitus* pode ocorrer através de um trabalho de análise reflexiva (portanto racional) sobre as próprias disposições, conforme menciona Bourdieu em algumas entrevistas (Muniz Jr & Pires Ferreira, 2005, p. 5).

É de se supor que, com a nova realidade instaurada pelas mídias digitais, haja alterações no habitus de diversos campos profissionais. No âmbito da comunicação científica, essas alterações têm sido cada vez mais constantes. Resta somente verificar a profundidade dessas mudanças e investigar as possíveis soluções para os problemas encontrados por esses profissionais (idem).

Na concepção de Morduchowicz (2004), seguindo essa linha de pesquisa, quanto mais sofisticado o capital cultural de uma pessoa, mais preparada estará para encontrar os significados plurais nos discursos, nos textos e nas informações que se produzem e circulam na sociedade, e que tanto incidem em sua visão de mundo. Na sua visão, os meios de comunicação e mais recentemente, as novas tecnologias, formam parte desse capital cultural. O modo em que as pessoas constroem o saber, a forma como aprendem e a maneira como conhecem são afetadas pelos meios de comunicação e pelas novas tecnologias aplicadas à educação.

Na concepção de Martín-Barbero (1997, p. 300-301), os *habitus* de classe atravessam os usos da televisão, os modos de ver, e se manifestam na organização do tempo e do espaço cotidianos: de que espaços as pessoas vêem televisão: privados ou públicos? de casa, do bar da esquina, do clube do bairro? E que lugar ocupa a televisão na casa: central ou marginal? Preside a sala onde se leva a vida social, ou se refugia no quarto de dormir? Ou, ainda, esconde-se no armário, de onde a retiram apenas para ver algo muito especial?

O espaço da reflexão sobre o consumo é o espaço das práticas cotidianas enquanto lugar de interiorização muda da desigualdade social, desde a relação com o próprio corpo até o uso do tempo, o habitat e a consciência do possível para cada vida, do alcançável e do inatingível. O consumo não é apenas reprodução de forças, mas também produção de sentimentos: lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas, dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais (Martín-Barbero, p. 290, 1997).

Espero que o presente trabalho possa se constituir em uma contribuição, ainda que modesta, para o desenvolvimento da pesquisa na área de comunicação, com novas questões e indagações, fortalecendo, assim, o legado deixado por Pierre Bourdieu e seus colaboradores na sua luta por uma sociologia da prática simbólica, como destacou o sociólogo Sergio Miceli25:

**Um intelectual do sentido** – Bourdieu investiu na redefinição teórica do “contexto”, a realidade social abrangente. Ele deu impulso vigoroso à tradição de construir um objeto próprio ao domínio da sociologia da cultura, reinventando temas e modos de tratamento manejados por tradições intelectuais vizinhas (a crítica literária ou a estética filosófica, entre outras) e, ao mesmo tempo, levando a melhor sobre os resultados pífios de alguns de seus desafiantes entre os cientistas sociais contemporâneos (Miceli, 1999, p.4).

## Referências

BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luís Mauro Sá. O habitus na comunicação. São Paulo: Paulus, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: Pouillon, J. (Org.). Problemas do Estruturalismo. Rio de Janeiro; Zahar Editores, 1968, p. 105-145.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J. C. A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 17-58.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: Bourdieu, P. A Economia das Trocas Simbólicas. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 27-78.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: Bourdieu, P. Razões práticas Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus Editora, 1994, p. 13-33.

BOURDIEU, Pierre. A influência do jornalismo. In: Bourdieu, P. Sobre a televisão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997, p. 99-120.

BOURDIEU, Pierre. Contrafogos Táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p. 07-151.

BRANDÃO, Zaia; ALTMANN; Helena, (s/d). Algumas hipóteses sobre a transformação do habitus. Disponível em: [http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG\\_1167.D2W/REPORT3?Cdl.inPrg=pt&NrSeqFas=4](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG_1167.D2W/REPORT3?Cdl.inPrg=pt&NrSeqFas=4).

CATANI, A. M. A sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável em nosso regime de leituras). Educação e Sociedade, ano XXIII, nº 78, p. 57-75, jan. – abr. 2002.

CATANI, A. M. As possibilidades analíticas da noção de campo social. Educ. Soc. v. 32, n.114, p. 189-202, jan-mar. 2011.

DALTRO, R. R. O poder simbólico do campo religioso em Pilão Arcado-Bahia. In: Daltro, R. R. A Teoria dos Campos: Movimentos sociais, reforma agrária e escolaridade. Bahnhofstrabe 28, 66111, saarbrlecken, NEA – Novas Edições Acadêmicas, 2016, p. 113-123.

GARCIA CANCLINI, N. Gramsci com Bourdieu. Hegemonia, consumo y nuevas formas de organizacion popular. Nueva Sociedad, Nro. 71, p. 69-78 Marzo – Abril de 1984.

MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINO, L. M. S., Mídia e poder simbólico. Um ensaio sobre comunicação e campo religioso. São Paulo, Paulus, 2003.

MICELI, Sergio. Um intelectual do Sentido. Folha de S. Paulo, São Paulo, 7 de fev. 1999, Caderno Mais!, p. 4.

MIRANDA, Luciano. Pierre Bourdieu e o Campo da Comunicação. Por uma teoria da comunicação praxiológica. Porto Alegre, Editora EDIPUCRS, 2005, p. 9-193.

MUNIZ JUNIOR, José de Souza; PIRES FERREIRA, Sueli Mara Soares. A alteração de práticas de editoração científicas tradicionais promovidas pelas ferramentas de publicação eletrônica – um novo habitus profissional? Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Uerj – 2005.

MORDUCHOWICZ, Roxana. O capital cultural dos jovens. Editora Fundo de Cultura Econômica, 2004. Buenos Aires.

NTEs – Núcleos de Tecnologias Educacionais. Projeto Estadual de Informática na Educação/Proinfo/SEED/MEC. CATE/DP/SEC/IAT. Salvador, 2013.

UNESCO (2014). Enfoques estratégicos sobre las TIC em educación em América Latina y el Caribe. Publicado em 2014 por La Organización de las Naciones Unidas para La Educación, La Ciencia y La Cultura 7, place de Fontenoy, 753552 París 07 SP.